

DUAS VOZES MARANHENSES

Conheci Josué Montello em 1958, quando dei a ele, para que lesse, o manuscrito de meu primeiro livro, escrito com menos de vinte anos, recebendo dele um estímulo, achando mesmo que, sem esse estímulo, talvez não tivesse ido além daquele manuscrito.

Anos depois, conheci Franklin de Oliveira, quando Nauro Machado e eu fomos ao Rio de Janeiro, tendo Nauro na ocasião a oportunidade de entrevistá-lo. Estivemos novamente com ele, quando veio a São Luís para as exéquias pelo falecimento de dois de seus irmãos. Em 1983, Franklin retornou à capital maranhense, por meu intermédio, para a inauguração da Casa de Cultura Josué Montello – uma entre tantas importantes realizações na área cultural do governo João Castelo –, a fim de homenagear o amigo e companheiro de geração. Ambos fizeram parte do grupo liderado pelo notável Antônio Lopes, cuja influência marcou positivamente uma brilhante geração que migrou depois para o Rio de Janeiro.

Em um de seus diários, o *Diário da manhã*, Josué Montello registrou, no dia 7 de novembro de 1954, que recebera, entre alguns artigos e centenas de telegramas, pela sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, um texto de Franklin de Oliveira publicado no *Jornal do Povo*, de São Luís. Nesse registro, Josué diz que, ao fim dos louvores, Franklin escrevera estas palavras, inesquecíveis para ele, Josué:

Esperamos que os maranhenses avaliem como devem avaliar a conquista de seu nobre filho e que se disponham a consagrá-la nos termos em que merece. A vida do espírito, dizia Thomas Mann, é uma festa, porque é a vida de conciliação suprema de todos os valores. Promovamos a festa do espírito no júbilo com o qual devemos manifestar a nossa gratidão a Montello.

Após a transcrição do que Franklin dissera sobre ele, Josué confessa o seguinte:

Estou certo de que, se ele estivesse em meu lugar, teria sido meu o artigo de exaltação ao companheiro. De tudo quanto se escreveu a respeito de minha eleição para a Academia, nada me comoveu tanto quanto o artigo de Franklin. É a palavra do amigo fraterno. Na mesma praça, na mesma cidade, na mesma fase da vida, sonhamos os mesmos sonhos, quando descobrimos em nós a vocação das letras. Minha vitória não é só minha, como patrimônio pessoal. É sobretudo de minha geração.

COM O PASSAR DO TEMPO, Nauro e eu nos mantivemos muito próximos de Josué e de Franklin, recebendo-os com suas esposas, Yvonne e Celma, em nossa casa, quando vinham a São Luís, ou visitando-os em seus respectivos apartamentos no Rio de Janeiro. Acompanhamos certos aborrecimentos entre eles, o que não é de estranhar entre artistas tão temperamentais, cabendo a mim, numa certa ocasião, a chance de reaproximá-los, em atenção ao pedido de um deles, o que resultou numa intensa felicidade para ambos. E também para mim, que deles recebi um comovido agradecimento por aquela tarde de paz, numa troca recíproca de lembranças e afetos.

No ano passado, completou-se o centenário de nascimento de Franklin e, neste ano, comemora-se o de Josué. Aguardei essas datas, tão próximas uma da outra, para publicar em sua inteireza, sob mi-

nha responsabilidade, num preito de gratidão a esses dois homens de letras, o belo e valioso ensaio sobre a obra romanesca de Josué Montello, de Franklin de Oliveira.

A esse respeito, convém esclarecer que, em 1978, a Difel Difusão Editorial e o Instituto Nacional do Livro publicaram em *Literatura e civilização*, de Franklin, a parte deste trabalho que vai até *A coroa de areia*, romance de Josué que só seria publicado um ano depois. Acredito que, pela decisão de editar-se a obra completa do autor de *Os tambores de São Luís*, foi acertado com Franklin continuar este seu trabalho, incluindo nele os romances posteriormente publicados, para constituir-se na introdução de um dos volumes da referida reunião dos livros de Josué, o que acabaria não ocorrendo.

A cópia do ensaio em sua inteireza me foi oferecida por Josué através de carta datada de 3 de setembro de 1998, na qual ele explica que, não tendo o ensaio de Franklin lhe chegado às mãos no tempo previsto, decidira escrever ele mesmo a introdução reclamada pela Editora Nova Aguilar para finalizar a publicação dos romances e das novelas escritos até então.

Lygia Maria, filha de Franklin, que, ao nascer, mereceu de Guimarães Rosa, grande amigo de seu pai, o longo poema “Grande louvação pastoril à linda Lygia Maria”, concordou, em nome dela e de seus irmãos, Gilberto e Márcio, que eu providenciasse a publicação do ensaio de seu pai nesta excepcional ocasião em que duas importantes vozes maranhenses completam 100 anos de nascimento.

Quando ambos ainda estavam entre nós, por sugestão de Josué, levei a Franklin a digitalização que eu mesma fizera da versão saída de sua velha Remington, para que ele fizesse uma última leitura.

O ENSAIO É UM PAINEL que confirma a capacidade ensaística, bem como a ampla e profunda erudição do autor de *Morte da memória nacional*, identificando os labirintos projetados na obra montelliana e os recursos que o conhecimento e a sensibilidade

do autor de *Os tambores de São Luís* projetaram na concepção e na realização de sua grande obra romanesca.

Inicia o seu estudo, dizendo que são duas as grandes famílias de intelectuais, a dos *precursores* e a dos *preservadores*, e adiantando que estas não são antagônicas, cada uma com o seu peso axiológico, podendo haver interdependência entre elas, uma precisando da outra para afirmar-se. Em suas palavras: “Se a primeira [a dos precursores] é constituída pelos que instauram novos caminhos, a segunda é integrada pelos que mantêm o acervo cultural, base de onde os precursores partem para as aventuras da renovação, que não significam rotura com a tradição – se assim fosse, não haveria como sustentar-se a continuidade histórica de todas as criações humanas”.

Franklin vai dizer que a novelística de Josué retoma e desdobra a saga de São Luís, fundada por Aluísio Azevedo. De acordo ainda com Franklin, nestes dois romancistas maranhenses, Aluísio e Josué, a preocupação com o destino do homem manifesta-se de modo diferente: enquanto Aluísio centra o seu interesse na pressão das forças sociais que modelam a conduta humana, Josué retoma o realismo do seu antecessor e confere nova dimensão a esse conceito, privilegiando a subjetividade humana. E acrescenta que Josué funda o seu cosmo romanesco numa práxis estética, em que o enunciado social é dado de forma oblíqua, ao contrário do processamento artístico de Aluísio, que não apenas se esmera em tornar transparentes as suas intenções contestatórias, como também se empenha em urdir o romance com a matéria social excluída da historiografia oficial.

O próprio Aluísio disse ter construído a sua obra na determinação de permitir ao leitor o acesso aos fatos de nossa vida pública que jamais seriam apresentados pela História oficial. Em Josué, na leitura de Franklin, a determinação acusatória de Aluísio é substituída pela presença de fatores sociais subjetivados, que, como força interiorizada, condicionam os destinos humanos, apresentando algumas outras linhas que permitem diferenciar o romance *renovador* de Aluísio do romance *preservador* de Josué, superando este os limites do realismo sociológico daquele, ao incorporar, Josué, à técnica clássica

certas inovações que abrem espaço, inclusive, para o romance épico, como realizado em *Os tambores de São Luís*.

Franklin, assim, reconhece que *Os tambores de São Luís* “é a unidade ficcional à qual mais se enlva a designação de romance histórico. Nesse *carmen heroicum*, que segue tão de perto as leis da *ethopoea*, Montello não só se aproxima de Aluísio, ao comunicar ao romance o sentido explícito de denúncia social, como faz convergir para a sua estrutura as exigências do épico e do trágico”.

[CONTINUA]